



A EDUCAÇÃO E O HOMEM NA PERPECTIVA DE ROUSSEAU

Flávio Fraquetta¹
Bruna Marques Duarte²

RESUMO: Rousseau foi um homem à frente de seu tempo, seus pensamentos foram idealizadores do movimento conhecido por Revolução Francesa, visto como um momento da história que, mudou o modo de pensar e agir da sociedade. Frente a isso, este artigo propõe-se a discutir as perspectivas históricas da educação de acordo com o autor genebrino, bem como analisar as suas ideias descritas no discurso sobre as Ciências e as Artes. A educação assim como o modo de agir e pensar da sociedade sofreram modificações ao longo dos períodos o que tornam justificáveis análises e discussões deste tipo de tema, para a compreensão destas transições. A educação vinculada ao pensamento de Rousseau tem como ideal o sentimento, preservar a inocência para construir a moral, por meio de um sistema educacional que prime pela formação humana. Deste modo, o intuito do educar deve ser de preservar a bondade natural do homem, ensinando de maneira compreensiva e gradual, respeitando-se todas as fases de crescimento infantil.

Palavras-chave: Rousseau, Educação, Revolução Francesa.

1 INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial ocorreu nos séculos XVIII e XIX inicialmente na Inglaterra. As mudanças econômicas ocorridas no país geraram a necessidade de mudança política. Deste modo, a revolução teve cunho econômico, a expansão mercantilista exigiu novas configurações na estrutura feudal de sociedade ainda existente (ANDERY,M.A,et.al,2004).

Deste modo, a revolução teve cunho econômico, a expansão mercantilista exigiu novas configurações na estrutura feudal de sociedade ainda existente (ANDERY,M.A,et.al,2004).

¹ Mestre em Formação Docente Interdisciplinar e graduado em Ciências, docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná – UniFatecie. E-mail: flaviofraquetta@gmail.com.

² Mestranda em Formação Docente Interdisciplinar da UNESPAR- Universidade Estadual do Paraná, Campus/Paranavaí, PR. E-mail: brunamd01@yahoo.com.br.

A Revolução Francesa por sua vez foi um acontecimento político, que teve razões específicas no país, não sendo apenas guiada pelas modificações da Europa. A França do século XVIII era o país mais populoso da Europa, a população vivia em constantes crises econômicas e agrárias. O movimento revolucionário então, se estabeleceu para dar fim aos problemas daquela sociedade. Tirando o privilégio da igreja.

Diante do significado da Revolução Francesa e do seu legado deixado pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, justifica-se o tema do artigo, que discute alguns pensamentos do autor, Jean Jacques Rousseau, que possuía ideais diferentes dos demais pensadores da época impulsionados pelos pensamentos ingleses. Rousseau, bem como este artigo tinha como intuito esclarecer quais deviriam ser as verdadeiras intenções do ser humano ao declarar a favor do próximo, não se deixando enganar pela ociosidade das artes e das ciências que afastavam o homem do bom selvagem.

Sendo assim, este artigo possui como objetivo discutir os ideais do pensador Genebrino, bem como fundamentar a educação de qualidade em seus propósitos, além de elencar alguns apontamentos feitos por Rousseau em seu discurso sobre as Artes e a Ciência.

É evidente que os pensamentos descritos por Rousseau mudaram o modo com que a humanidade via a criança, seu intuito de cuidar e educar os menores respeitando suas fases de crescimento repercute até hoje nos documentos e leis que primam pelo cuidar e educar as crianças. Assim como, nos ideais defendidos pelas leis e constituições de diversos países democráticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto histórico da França no século XVIII

Na época da Revolução Francesa a França era governada pela Monarquia Absolutista, tinha como base a agricultura feudal, que ainda cultivava com técnicas atrasadas.

A sociedade feudal era liderada pela minoria, onde camponeses serviam aos senhores feudais em um sistema de desigualdade que configurava uma composição dividida em três Estados.

O Primeiro Estado, ou clero, eram compostos de aproximadamente 100 mil clérigos (padres, bispos, etc.). O Segundo Estado, ou nobreza, era formado por cerca de 400 mil pessoas. Todo o restante da sociedade francesa, mais de 22 milhões de pessoas, pertencia ao Terceiro Estado. O clero não era obrigado a pagar impostos e era sustentado principalmente com o dízimo pago pelos integrantes do Terceiro Estado. A nobreza também estava dispensada do pagamento de alguns impostos. Já o Terceiro Estado não tinha privilégios: o peso dos impostos recaía quase que exclusivamente sobre seus integrantes (CARDOSO, 2014).

O Terceiro Estado, portanto, era o que hoje chamamos de "POVO". Nele estavam incluídos os comerciantes e a burguesia em geral, os trabalhadores urbanos, conhecidos como sans-culottes, os artesãos e os camponeses. Essas pessoas trabalhavam para viver e pagavam para que o clero e a nobreza vivessem sem trabalhar (CARDOSO, 2014).

Os motivos que levaram a população francesa a realizar uma revolução estavam ligados principalmente à estrutura feudal que ainda vigorava no país. O privilégio detido pela aristocracia e pelo clero obrigava camponeses a pagarem altos tributos. Além disso, problemas climáticos nos anos que antecederam a revolução causaram más colheitas, preços altos e fome entre grande parte do povo. As pessoas das cidades também estavam insatisfeitas, e novos grupos sociais surgiam com novos interesses, principalmente a burguesia.

Para tentar aplacar as insatisfações, o rei Luís XVI convocou a Assembleia dos Estados Gerais, em 1788. Formavam os estados gerais três ordens: o clero, a nobreza e o povo. Porém, durante a Assembleia, não houve acordo entre as ordens. O rei dissolveu a assembleia. O povo rebelou-se contra o rei, invadindo a Bastilha, e apresentou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Este documento que se tornou um clássico para as democracias do mundo contemporâneo, foi aprovado no dia 26 de agosto de 1789, pela Assembleia Constituinte, no contexto inicial da Revolução Francesa. Seus princípios iluministas tinham como base a liberdade e igualdade perante a lei, a defesa inalienável à propriedade privada e o direito de resistência à opressão.

A importância desse documento nos dias de hoje é ter sido a primeira declaração de direitos e fonte de inspiração para outras que vieram posteriormente, como a Declaração

Universal dos Direitos Humanos aprovada pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 1948. Prova disso é a comparação dos primeiros artigos de ambas:

O Artigo primeiro da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, diz: "Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum". O Artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948: "Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade" (COSTA, p.01, 2014).

Os camponeses passaram a ocupar as terras dos senhores e a persegui-los, no que ficou conhecido como o "Grande Medo". Tinha início a Revolução Francesa.

Além do Grande Medo e da Declaração dos Direitos dos Homens, caracterizaram essa fase a perda dos direitos que a aristocracia detinha desde o período feudal e a formação de uma Monarquia Constitucional, após a elaboração da primeira Constituição.

Para Pinto (2014) essas medidas geraram uma pressão por parte de outros países monárquicos que se sentiram receosos de que o processo revolucionário afetasse os ânimos de suas populações. Áustria e Prússia entraram em guerra com a França, em 1791. Em agosto desse mesmo ano, a Assembleia Legislativa, após pressão popular, destituiu Luís XVI de seu reinado. Foi proclamada a República e uma organização criada em Paris, chamada de Comuna Insurrecional, passou a administrar o país.

Com o afastamento das tropas austríacas e prussianas, Paris afastou-se do perigo de ser tomada. Em setembro de 1791, foi criada a Convenção e dissolvida a Assembleia Legislativa.

A Convenção Republicana tinha o interesse de elaborar uma nova Constituição, garantindo uma maior participação popular na administração do Estado, além de impedir o retorno de uma monarquia absoluta. Nesse período houve o aparecimento de divergências políticas internas, o que resultou na divisão entre girondinos, jacobinos e a planície. Com a consolidação da República, foi inaugurado um novo calendário, tendo o ano de 1792 como o ano I (PINTO, 2014).

A radicalização das propostas das classes mais baixas na hierarquia social levou à execução do rei Luís XVI e sua família na guilhotina. O fato dos girondinos terem se oposto às execuções resultou também na perda de suas cabeças na guilhotina. Tinha início o período do Terror.

Através do período do Terror, subiram ao poder os jacobinos liderados por Robespierre. A nova Constituição entrou em vigor, garantindo o voto a todos os homens maiores de 21 anos. Foi sufocada a contrarrevolução interna e leis sociais foram promulgadas, entre elas, o fim da escravidão nas colônias e o preço máximo dos alimentos. No entanto, essas medidas e a centralização do poder por Robespierre, bem como o ordenamento de condenações tanto a inimigos quanto a aliados, deixaram-no isolado, sem base para manter o poder. Em julho de 1794, Robespierre foi guilhotinado, e os jacobinos perderam o poder de Estado (PINTO, 2014).

A queda dos jacobinos representou a subida ao poder da alta burguesia. O Diretório era composto por cinco membros, e existiam ainda duas assembleias: a dos Anciãos e a dos Quinhentos. Essa fase representou o fortalecimento da burguesia e a volta de alguns privilégios, como o voto censitário e o fim das leis sociais do período anterior.

Segundo Pinto (2014) houve ainda tentativas de insurreições, como a de Graco Babeuf, líder da Conspiração dos Iguais, que pretendia destituir o Diretório e aprofundar as reformas sociais da Revolução Francesa. Babeuf foi guilhotinado, ilustrando o domínio da burguesia no poder do Estado. As disputas internas e as guerras externas criaram as condições para o fortalecimento do exército e de um dos seus principais generais, Napoleão Bonaparte. Com a criação do Consulado em 1799, tinha início a época Napoleônica.

2.2 Quem foi Jean Jacques Rousseau? Um breve histórico de vida e obra

Nascido em Genebra, a 28 de junho de 1712 era filho de Isaac Rousseau, um relojoeiro e Suzanne Bernard, filha de um pastor. A mãe morreu poucos dias depois de seu nascimento, em consequência do parto. Fato que o marcou para sempre, pois, curiosamente, chamava de “mamãe” sua primeira amante e a segunda de “tia” (DENT, 1996).

Quando ele tinha dez anos seu pai fugiu de Genebra por uma briga e ele foi entregue em tutela a um tio materno. Então ele e seu primo (Abraham) foram levados para morar com um pastor em uma cidade próxima à Genebra.

Quando voltou à Genebra, Rousseau logo sentiu o impacto da sua condição de pobreza. Por isso, o menino foi trabalhar como aprendiz de um gravador. No entanto o homem era muito cruel e Rousseau nada habilidoso.

Após três anos no seu trabalho ele deixou Genebra procurou refúgio com um sacerdote que lhe indicou a casa da Baronesa de Warens. O primeiro encontro entre os dois está registrado na obra póstuma do escritor, intitulada *Devaneios de um caminhante solitário*. E esta era chamada de *maman* (DENT, 1996).

Em 1728 foi enviado pela baronesa a uma cidade para seguir uma vida religiosa. Conhece nesta mesma época a condessa de Vercellis e após suas aventuras ele volta para a sr. Warens. Sua relação com a baronesa dura cerca de 12 anos até que o começo de 1745, conhece Thérèse Levasseur, jovem criada que lhe deu cinco filhos e com a qual se casou, em 1768, numa cerimônia civil.

Nas décadas de 1740 e 1750, Rousseau se dedicou à música com especial interesse. Das obras que compôs, destacam-se a ópera-balé *Les Muses galantes* (1745; *As musas galantes*) e a ópera-cômica *Le Devin du village* (1752; *O adivinho da aldeia*), montada com sucesso em Fontainebleau. Na polêmica entre a música francesa e a música italiana, optou pela última, ou seja, a melodia "natural" contra a harmonia, que lhe parecia invenção bárbara. Expressou tais ideias em sua *Lettre sur la musique française* (1753; *Carta sobre a música francesa*).

Em 1762, publicou seus mais conhecidos e influentes trabalhos: *Émile: Ou de "l'education"*, que para muitos pareceu que Rousseau estava tentando redimir-se de ter abandonado seus filhos, ajudando outros pais a criar, adequadamente, suas crianças.

Outra obra fundamental do autor é o contrato social que colocava a seguinte questão: como preservar a liberdade natural do homem e ao mesmo tempo garantir a segurança e o bem-estar da vida em sociedade? Segundo Rousseau, isso seria possível através de um contrato social, por meio do qual prevaleceria a soberania da sociedade, a soberania política da vontade coletiva.

Em maio de 1778 ele mudou-se para Ermenonville, onde morreu pouco mais de um mês depois, em 2 de julho. Foi enterrado na Ilha des Peupliers, no lago de Ermenonville. Seus restos mortais foram removidos para o Panteon em Paris, durante a Revolução Francesa.

2.3 A educação segundo Rousseau

A educação por muito tempo foi para formar o pai de família, ligando-se ao fator hereditário. Cabendo ao pai de família manter a união e conservar os bens. No entanto a educação passou por modificações ao longo dos períodos históricos e suas transições (LEONEL, 1994).

Na passagem desta configuração de família tronco para família nuclear, operou-se uma verdadeira revolução no conceito de educação. Durante o período feudal, a educação estava vinculada à igreja, sendo basicamente para a formação do Clero e para a educação dos filhos dos senhores feudais. As crianças nobres eram educadas em suas casas por preceptores, caracterizando a educação deste período como sendo elitizada. Uma educação voltada para o profissional, não para a formação humana. Sobre esta educação sem cultura realizada pelos “homens das letras”, Montaigne p.155, escreve:

Se seu preceptor for como eu formar-lhe- á a vontade para que sirva seu príncipe com lealdade, afeição e coragem, mas o desviará de se prender a ele senão por dever cívico. Além de vários outros inconvenientes dessas obrigações particulares que ferem a nossa liberdade, a opinião de um homem salariado a serviço de outro...

Este conceito de educação começou a se transformar com o início da transição do feudalismo para o capitalismo. A burguesia passou a reivindicar que a educação fosse para todos os homens. Na verdade, seu verdadeiro intuito era apenas derrubar o clero e a nobreza, atingir uma colocação na nobreza que era apenas dado aos que possuíam título, já que os nobres falidos tinham nome e os burgueses o dinheiro. Enfim, os burgueses lutavam por ideais que beneficiavam outras classes, mas, suas intenções eram de se favorecerem.

Com o passar dos tempos e a instalação do sistema capitalista a educação passou a ser um dever já que o homem do novo mundo deveria ser educado, pelo menos instruído, para trabalhar.

Na França a meio de todas estas transformações Jean Jacques Rousseau, ao contrário dos demais iluministas franceses que pensavam que o homem político se adquire pela razão guiados pelos ideais ingleses considerava que no processo educacional deve-se ter liberdade.

Para Rousseau a educação natural assume papel definitivo na construção de um ser humano ético e político, que entende que deve ser governado pela vontade geral, sendo educado assim desde a infância. “Quereis que a criança conserve sua forma original?

Preservai-a desde o instante que ela vem ao mundo. Assim que nasce, tomai conta dela e não a deixeis que seja adulta...” (ROUSSEAU, 1991, p.20).

A educação é primordial para ensinar a criança a pensar e não apenas a reproduzir, sem ter uma construção racional. A criança deve ser estimulada ao desenvolvimento, no entanto, ela mesma deve desenvolver suas habilidades. O indivíduo deve ser levado a querer fazer. Sobre o ato de aprender com as próprias experiências Rousseau (1986, p.32), escreve: “O hábito de entrar em mim mesmo me perder enfim o sentimento e quase à lembrança de meus males, aprendi assim, por minha própria experiência [...]”

Diante desta problemática, Rousseau em seu livro *Emílio* possibilita o conhecimento do que ele chama de “educação natural”, levando a uma visão ante não reconhecida sobre a infância. A criança antes vista como um adulto em miniatura passa a receber uma atenção diferenciada.

Após a modificação da configuração de estado da criança anteriormente reconhecida como parte integradora dos adultos, iniciou-se uma conjectura educacional que é percebida até o presente momento, a de que a formação do ser humano deve começar desde que ele vem ao mundo, sendo uma preparação para a vida em sociedade.

Assim, pode-se perceber que Rousseau traça em suas obras alguns passos que deveriam ser seguidos, com o intuito de tornar a criança um adulto bom, na verdade, ele descreve maneiras de se educar para que as crianças não se tornem más. Credo na bondade natural do homem, sendo a educação o meio para o desenvolvimento das habilidades dos seres.

De acordo com Leonel (1994, p.87), a educação vinculada ao pensamento de Rousseau tem como princípio o sentimento e não a razão. “A moral separa-se da ciência, a instrução separa-se da educação.”

Na visão educacional do filósofo genebrino não devemos ser aprendizes de operários, mas, de homens sendo esta a mais árdua e demorada (ROUSSEAU, 1986). A educação é uma parte importante na formação humana do homem é através dela que desenvolvemos as nossas potencialidades, nos tornamos seres capazes de analisar e decidir pelas opções apresentadas.

Rousseau no século XVIII, já propunha que a criança primeiramente brincasse e praticasse esportes, pois através da brincadeira, aprenderia a linguagem, o canto, a aritmética

e a geometria, e assim, criaria princípios para construção de sua autonomia. Se traçarmos um paralelo entre a época de Rousseau para a atualidade, poderemos realizar questionamentos e comparações, pois, na atualidade existem CMEIs e Pré-escolas para atendimentos das crianças, devido as mulheres estarem envolvidas no mercado de trabalho, e não exercerem como no passado o papel de cuidadora em tempo integral dos filhos. Essa realidade influenciou o surgimento de leis, que consideramos benefícios para a criança como a LDB 9394/96, o qual integra a Educação Infantil, como a primeira Etapa da Educação Básica (MELO, 2014).

2.4 O homem selvagem x homem moral

Jean-Jacques Rousseau não foi um homem de princípios, sua vida foi atribulada e vagabunda, mas é uma fonte riquíssima da cultura europeia. Suas ideias pedagógicas não se separavam das políticas, assim para ele o homem em seu estado natural era bom, desta forma, considera um contrato social que reúna o povo numa só vontade (SOETARD, 2010).

Após a publicação do Discurso sobre as ciências e as artes, sobretudo, Rousseau passou a ser conhecido como o filósofo defensor incontestado da natureza e opositor ferrenho da técnica, em pleno Século das Luzes, em que havia uma crença quase cega no progresso (SANTOS, 2012).

Segundo os ideais de Rousseau no início da humanidade a figura do “Bom Selvagem”, vivia em harmonia com a natureza retirando dela tudo que necessitava. “O primeiro sentimento do homem foi a sua existência sua primeira preocupação a de sua conservação. As produções da terra forneciam-lhe todos os socorros necessários, o instinto levou-o a utilizar-se deles” (ROUSSEAU, 1991, p 260.).

O pensador caracteriza o homem em seu estado livre como sendo natural, onde não há desigualdade e os seres sobrevivem por seus instintos. “O homem selvagem conhece e repousa na liberdade... o homem policiado conhece o trabalho e a escravidão” (ROUSSEAU, 1991, p.212).

Rousseau critica em sua obra *A origem das desigualdades dos homens* o Absolutismo, desprezando a servidão, a luta para proteger a propriedade privada e o lucro.

Teria desejado nascer num país no qual o soberano e o povo não pudessem alimentar senão um único interesse, a fim de que todos os movimentos da máquina tendessem apenas para a felicidade comum. Não podendo tal coisa suceder, ao menos que o povo e o soberano não sejam senão uma mesma pessoa, conclui-se que eu desejaria ter nascido sob um governo democrático, sabiamente equilibrado (ROUSSEAU, 1991, p.218).

Diante das críticas do autor podemos analisar como ele caracteriza o homem livre como aquele que não está acorrentado às necessidades superficiais. “Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava à primeira vista, a dos caracteres” (ROUSSEAU, 2000, p.191).

De acordo com Rousseau a essência humana é a bondade e esta é corrompida pela sociedade, então ele busca o retorno ao homem primitivo confrontando o campo e a cidade.

No campo demonstra o homem rústico, com valorização do bom selvagem e da pureza humana. Ao retratar a cidade se apega ao nível estético de uma sociedade motora de desigualdades onde não se enaltece a ética e a moral, apenas o dinheiro. Sobre o assunto Rousseau (2000, p.205) declara: “Os antigos políticos falavam constantemente de costumes e virtudes, os nossos só falam de comércio e dinheiro”.

De acordo a concepção de Rousseau, no estado de natureza os indivíduos vivem isolados pelas florestas, sobrevivendo com o que a natureza lhes dá, desconhecendo lutas e comunicando-se pelo gesto, pelo grito e pelo canto, numa língua generosa e benevolente (CHAUÍ, 2000).

“... a primeira língua do homem, a língua mais Universal, a mais enérgica e a única que se necessitou antes de precisar persuadir homens reunidos, é o grito da natureza” (ROUSSEAU, 1991, p.248).

Segundo o autor Genebrino a natureza não deve ser apenas cenário, mas sim posição central, existindo a fusão entre o bom homem corajoso e a natureza, que não se comportar como serva, mas sim como companheira.

Em seu discurso sobre as Ciências e Arte o autor, ressalta que a Arte e a Ciência trazem vícios e costumes que corrompem o homem, como exemplo, em sua obra Rousseau refere-se aos Persas que se apoiaram às suas virtudes e construíram sua história com glória.

Para ele a verdadeira motivação da Arte e da Ciência não é a sabedoria, mas sim a vaidade sendo a fonte de todo o egoísmo e desigualdade humana.

Rousseau considera a ciência como algo ruim, algo que agride a tudo que há de bom no ser humano: a moral. Para ele, as ciências e as artes nasceram de nossos vícios. As consideram inúteis no seu objetivo, que é de nos tornar mais sábios, e muito perigosas pelos efeitos que produzem, corrompendo nossos valores.

Rousseau interroga a cultura moderna sobre a relação entre desenvolvimento científico e progresso moral no interior do espírito moderno, evidenciando que a arte encheu a humanidade de vícios, a polidez traz a insegurança ao ser humano, fazendo disposta a virtude:

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios (ROUSSEAU, 2000 p.191).

Os ideais de Rousseau mostram que o homem em sua história perde a liberdade natural pela liberdade civil, sendo moralizado, passando a ser súdito. E que seu estado de felicidade original existe sob a forma do bom selvagem (LEONEL,1994).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Estas pesquisas têm como intuito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Para tal, optou-se por uma pesquisa com bases em seu objetivo como exploratória.

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002).

O procedimento técnico utilizado foi o bibliográfico, consultando livros, artigos, revistas e páginas da internet, com o intuito de aperfeiçoar o conhecimento sobre o assunto abordado, suas técnicas, e encontrar as melhores maneiras, e as melhores formas de analisar

os dados do fluxo de caixa da empresa. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2002).

Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. Os principais autores destacados nesse estudo, apontam-se para Chauí (2000), Dent (1996), Melo (2014), Pinto (2014) e Soetard (2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo, podemos analisar que o processo de ensino é carente de valores morais e éticos que leve a uma educação futura onde o ser humano seja respeitado, para isso e necessário que em qualquer período histórico a criança seja bem cuidada para que desenvolva suas potencialidades.

A educação vinculada ao pensamento de Rousseau tem como ideal o sentimento, preservar a inocência para construir a moral, por meio de um sistema educacional que prime pela formação humana. Deste modo, o intuito do educar deve ser de preservar a bondade natural do homem, ensinando de maneira compreensiva e gradual, respeitando-se todas as fases de crescimento infantil.

Sendo assim, pode-se evidenciar que o homem idealizado por Rousseau, tido como o bom selvagem pode ser cultivado, na perspectiva educacional, deixando-se primeiramente que as crianças sejam realmente crianças, preservando a infância para que se tenha um bom adulto, consciente do seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M.A; MICHELETO,N.;SERIO,T.M.P. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 14 ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo:EDUC,2004.

Revista Arakuua de Educação, v.1, n.1, p.122-134, jan/jul- 2018

CARDOSO, Oldimar. **Os três "Estados" da França**. Disponível em: <<http://histoblogsu.blogspot.com.br/2009/05/os-tres-da-franca.html>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

CHAUÍ, M. **Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, ano 2000, p. 220-223.

COSTA, Renata. **Como surgiu a Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

DENT, N.J.H. **Dicionário de Rousseau**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GIL, A. C. 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEONEL, Zélia. **Contribuição a história da escola pública: elementos para a crítica da teoria liberal da educação**.1994.xxf. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

MELO, Rita de Cássia. **As contribuições de Jean Jacques Rousseau para a humanidade**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/14015/as-contribuicoes-de-jean-jacques-rousseau-para-a-humanidade>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

MONTAIGNE, Michel de (1533-1592). Da educação das crianças. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PINTO, Tales. **Fases da Revolução Francesa (1789-1799)**. Disponível em: <<http://www.escolakids.com/fases-da-revolucao-francesa-1789-1799.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre as ciências e as artes. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ROUSSEAU, J.J. Tradução de Lourdes Santos-5ed. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROUSSEAU, J.J. **Os Devaneios do caminhante solitário**. 2ª ed. Tradução, Fulvia. M.I. Brasília, 1986.

SANTOS, A.C. **Considerações sobre as ciências e artes em Rousseau**. Argumentos(4)8,2012.

SOETARD, Michel. **Jean- Jacques Rousseau**. Tradução José Eustáquio Romão. Editora:Massangaba. Coleção educadores, 2010.